

MULHER: DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL AOS NOSSOS DIAS

Camila da Silva Nascimento¹ - UEPB

Emmanuel de Paulino de Luna² - UEPB

Jocekelly Henrique de Carvalho³ – UEPB

Joelma Irineu dos Santos⁴ - UEPB

Renata Gonçalves de Souza⁵ – UEPB

João Batista Gonçalves Bueno⁶ -UEPB

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência e discussão da participação da mulher na Primeira Guerra Mundial e os possíveis contornos sociais, econômicos e culturais que as mesmas tiveram durante a guerra, chegando até os dias de hoje. Realizamos a aula-oficina nas turmas dos 9º anos “A” e “B” do Ensino Fundamental, na E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho. A “Aula Oficina”, ocorreu de forma diversificada nas duas turmas na qual foi desenvolvida. Tivemos o mesmo objetivo nas duas atividades o de compreender e problematizar a quase ausência ou falta, da participação da mulher na Historiografia dita Oficial, assim como no livro didático, que é a ferramenta principal utilizada em sala de aula.

Palavras Chaves: Aula Oficina; Primeira Guerra Mundial, Mulher.

Introdução

O referente artigo surgiu do trabalho de bolsistas da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na experiência do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), vinculado à Universidade Estadual da Paraíba, no Campus III, pelo subprojeto de História, executado de agosto do ano de 2012 a agosto do ano de 2013. O subprojeto de História foi coordenado inicialmente pela prof. Luciana Calissi, e posteriormente pelo prof. João Batista Gonçalves Bueno,

¹ Graduanda em História (UEPB). Aluna Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação a Docência (PIBID).

² Graduando em História (UEPB). Aluno Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação a Docência (PIBID).

³ Graduanda em História (UEPB). Aluna Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação a Docência (PIBID).

⁴ Graduanda em História (UEPB). Aluna Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação a Docência (PIBID).

⁵ Graduanda em História (UEPB). Aluna Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação a Docência (PIBID).

⁶ Coordenador da área de História do PIBID. Professor do curso de Licenciatura em História da UEPB, professor do PPGFP da UEPB, professor do PPGH da UFPB.

orientador da produção das oficinas que serão relatadas neste artigo. Esse artigo surgiu da experiência da aula oficina na cidade de Guarabira-PB, na escola E.E.E.F.M Professor José Soares de Carvalhos, onde a prof. Solange Freire é a profissional titular das turmas de 9ª A, 9ª B . Esta professora é a supervisora do projeto que orientou os alunos bolsistas.

Em virtude da necessidade de inserir os alunos às realidades históricas, sem desprender-se do conteúdo didático programado nas turmas de 9ª ano, decidimos executar oficinas que trabalhavam a temática da 1ª Guerra Mundial, frisando a participação da mulher neste cenário histórico, bem como procuramos identificar quais eram as relações de poder que se estabeleciam entre homens e mulheres nesta época histórica e como isso ainda tem correspondências nos dias atuais.

Desenvolvimento

Para iniciarmos o trabalho de elaboração da oficina de História partimos das seguintes questões que são essenciais para entendermos o processo de ensino aprendizagem da disciplina de História: O porque é importante estudar História na escola? Quais são os sentidos de estudar história na atualidade? E, como o aluno pode se sentir convidado a fazer uma abordagem Histórica?

Na busca de respostas para essas questões concordamos com Peter Lee quando afirma que “ninguém escapa do passado” (LEE p. 1), por isso, ao entendê-lo somos levados a refletir sobre nosso presente. Vemos com essa afirmação, que o passado está sempre vivo no que chamamos de “presente”, com suas rupturas e permanências “[...] o passado é a referência para nosso conhecimento de regras e para nossa capacidade de selecionar acontecimentos.” (LEE p. 2).

O entendimento da história como processo pode modificar atitudes e gerar novas visões do mundo. Sabemos que o ensino de História ainda contempla uma série de conteúdos que valorizam mitos e heróis, que reproduzem os discursos positivistas os quais tem raízes no século XIX. Contudo, o professor na atualidade pode se contrapor a essas praticas tradicionais de forma progressiva e cuidadosa.

Concordamos com a professora Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt, quando critica as praticas tradicionais de ensino de História, afirmando que na atualidade, os processos de ensino aprendizagem dessa disciplina estão fundamentados

por teorias didáticas vindas da psicologia educacional, e por isso, não dão conta das especificidades de ensino dos conceitos históricos .

Sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais na aprendizagem de história esta autora destaca que:

O documento introdutório (BRASIL, 1998a) partiu do pressuposto de que os fracassos escolares seriam os indicadores da necessidade de se tomar como referência uma nova concepção de aprendizagem, que propicie maior interação dos alunos com a realidade. (SCHMIDT p. 2)

Fundamentada nesta ideia, a autora explica que a aprendizagem histórica, a partir do final da década de 1990, teria caminhado para uma perspectiva construtivista, a qual passou a valorizar os enfoques cognitivos baseados na psicopedagogia. Neste caso, destacaram-se as teorias: Genética de (Jean Piaget), a teoria da atividade desenvolvimento (Vygotsky) e a teoria da aprendizagem verbal de Ausubel.

Esse processo, que liga a didática à psicopedagogia, afasta o ensino das especificidades conceituais de uma didática que se baseia nas Teorias da História, criando uma relação teórica/prática entre o ofício do professor de História e o alunado. E, isso pode gerar lacunas no processo de aprendizagem no que diz respeito aos alunos entenderem qual é o sentido e a finalidade da disciplina de História. Estas concepções podem ser reconhecidas tanto nas propostas curriculares, como nos manuais que são por elas inspirados, perdendo-se, portanto, a lógica de “o que ensinar”? e o “por que ensinar”? Além de diluir os sentidos do “porque” aprender a História?

Reconhecemos, portanto que essa pode ser uma das razões do porque o conteúdo da disciplina de História é entendido pelos alunos como “chato”, “desconfortável” e “cansativo”.

Acreditamos que o professor de história necessita ficar atento para as visíveis dificuldades dos seus alunos, reconhecendo que ele (o professor), exerce um papel em meio a muitas vivências pessoais, que geram um conhecimento prévio relativo, e/ou muitas vezes quase inexistente entre os alunos. Partindo destas concepções nós graduandos devemos buscar alternativas de ampliação da realidade histórica em que o educando está envolvido, seja a nível local, ou a nível regional ou geral, fazendo com que esse conhecimento se torne útil na vida dos alunos, na maneira que eles possam identificar alternativas de uma consciência cultural e social, que os levem a superar os obstáculos enfrentados futuramente.

Vemos, portanto, que a aula-oficina de História pode ser uma alternativa possível, para dinamizarmos a relação de ensino/aprendizagem, pois através dessa metodologia pode-se romper com as práticas tradicionais de ensino de História. Ao construirmos aulas que dizem respeito a problemas da vida cotidiana dos alunos, propusemos momentos de contextualização dos conteúdos, que estabeleceram diálogos entre o conhecimento prévio e os conteúdos de história como ciência. Percebemos, no desenvolver dessa pesquisa, que o professor necessita ir além de duas ou três aulas-oficinas, para que ocorra um rompimento das práticas de aula cristalizadas pela forma escolar de ensino. Acreditamos que é necessária uma formação continuada dos professores de história, para que a cultura pedagógica já citada seja quebrada buscando alternativas de ensino que coloquem o aluno como agente ativo na construção de sua própria história pessoal e coletiva, possibilitando a formação de cidadãos conscientes de suas realidades, e sobretudo, capazes de romper paradigmas, e estigmas sócias. Em resumo, esse seria o papel do professor-historiador, gerar uma reflexão não robotizada.

Percebemos que as pesquisas expostas nesse artigo, tem potencialidade para abertura a novas problemáticas que gerem diferentes metodologias e sentidos para o ensino de história. Segundo : SANTOS NETO

Para isso a formação do profissional de História requer uma multiplicidade de saberes e uma dinâmica plural de compreensão da sociedade. Estamos falando de uma formação que se pretenda integradas às demandas do corpus social; o profissional de História, na medida em que dá significação ao seu espaço no contexto escolar, produz também conhecimento e promove a construção coletiva da cidadania histórica. (SANTOS NETO, 2009 p.4)

Assim, para que se tenha uma aprendizagem em História de qualidade, de modo que os alunos consigam criticar e expor seus próprios pensamentos é necessário que se de importância ao conhecimento prévio dos alunos.

“[...] é necessário levar em consideração os conhecimentos prévios nas atividades de ensino: estes conhecimentos constituem o marco assimilador a partir do qual os alunos outorgam significados aos conteúdos escolares.” (SCHMIDT e GARCIA p 4)

Desenvolvimento das Oficinas...

A oficina foi desenvolvida nas turmas de 9º anos do Ensino Fundamental, (Manhã e Tarde) na E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho ⁷ e teve como objetivo, discutir e problematizar a falta da representação da mulher nos livros didáticos e na História oficial expressa pelos currículos escolares. O tempo histórico trabalhado foram os anos iniciais do século XX que culminaram na Primeira Guerra Mundial.

Elaboramos nossas oficinas seguindo o currículo da escola, de acordo com a sequência de conteúdos que a professora estava trabalhando em sala. Tivemos como tema “A Primeira Guerra Mundial”. A partir dessa temática, trabalhamos a participação da mulher nesse período histórico com o objetivo de mostrar o quanto esse período de Guerra, na segunda década do século XX, foi importante para a construção da ideia que se tem da mulher na atualidade.

Procuramos trabalhar esse tema porque este é pouco ou quase nada discutido nas salas de aulas. É uma discussão de gênero e que trata da condição de como essas mulheres estão negadas/silenciadas, em uma dada época, por um determinado grupo. Ao analisarmos o material didático, proposto pelo Ministério da Educação, notamos muitas ausências e a pouca referência a questão das mulheres na história, sendo que na maioria das vezes, quando elas aparecem no material didático estão em posição subalternas e inferiores, como se fossem somente coadjuvantes do processo histórico. De acordo com SANTOMÉ (1995) quando analisamos os conteúdos que são expostos nos livros didáticos e que posteriormente são desenvolvidos nas instituições escolares, podemos notar que as “culturas hegemônicas”, ainda são as que prevalecem nas narrativas históricas. Ainda hoje, as versões da História estudadas nos currículos escolares valorizam, sobretudo, a História feita por homens, colocando os mesmos, dessa forma num papel central. Apresentam, ainda, as chamadas minorias de forma periférica, marginalizando, silenciando e excluindo os diferentes grupos sociais que compõe a sociedade, dentre os quais se destacam as mulheres, os negros, os indígenas e os homossexuais etc. Segundo Dayrell “ [...] para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho” (DAYRELL, p. 1106, 2007). Por isso, resgatar temas que constantemente são excluídos dos currículos escolares, como é o caso da temática “mulheres”, significa lembrar que as mesmas, e outros

⁷ Este projeto fez parte do PIBID, e envolveu os alunos de licenciatura em História da UEPB, e foi desenvolvido juntamente com a supervisora e regente das salas de aulas Miriam Solange da Costa Freire, e com Coordenador do projeto professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno, que acompanhou todos os planejamentos das oficinas orientando/observando e analisando os percursos.

grupos da sociedade fazem parte da História. Esse tipo de abordagem busca, portanto, compreender que a História é feita de homens, mulheres e diferentes grupos sociais de raças e credos distintos, que fazem suas histórias e escolhas, que todos pertencem a sociedade, tem identidades e possuem culturas diferentes.

Buscamos compreender e problematizar, o livro didático enquanto fonte de estudo, passível de ser questionado e problematizado, pois, muitas vezes, é lido de forma unívoca e pode ser interpretado como o veículo que apresenta uma versão verdadeira da História. Ao fazermos isso abrimos a possibilidade do aluno questionar o conceito de verdade e o conceito de sociedade homogênea e sem conflitos. Propomos, portanto, trabalhar com o livro didático de forma a desvendar esse material como um produto de mercado, que é produzido por interesses políticos e econômicos e que não é neutro.

Partindo do tema da Primeira Guerra Mundial, estruturamos nossa oficina da seguinte forma:

- 1- Elaboração de atividade de diagnóstico, para investigação e avaliação do conhecimento prévio dos alunos;
- 2- Desenvolvimento das atividades da aula da oficina com utilização das fontes históricas;
- 3- Aplicação da atividade de síntese dos conteúdos estudados e fechamento da atividade.

Sobre a Oficina, SCHMIDT e GARCIA nos afirmam que :

[...]neste processo, o aluno é entendido como agente da sua formação com ideias prévias e experiências diversas e o professor como investigador social e organizador de atividades problematizadoras; o conhecimento histórico é visto a partir de sua natureza multiperspectivada e nos seus vários níveis: senso comum, ciência e epistemologia; as estratégias e recursos são múltiplos e intervenientes; a avaliação é feita a partir de todo o material produzido pelo aluno; e os efeitos sociais são focados nos agentes sociais”. (SCHMIDT e GARCIA, p 5)

Para investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conteúdos que seriam trabalhados utilizamos como instrumento de investigação à análise de imagens,

de vídeos, além da construção de textos e depoimentos pessoais dos alunos sobre os seus conhecimentos sobre o assunto.

Iniciamos nossa investigação com a aplicação de uma atividade onde os alunos produziram um texto sobre seu conhecimento sobre a “Primeira Guerra Mundial” e a participação feminina na mesma.

“Os alunos se interessaram em produzir os textos, eles tinham dúvidas sobre como escrever e o que escrever. Explicamos que não existia o certo ou errado, era necessário apenas que eles escrevessem sobre o que eles conheciam sobre a temática abordada.” (depoimento das alunas do PIBID que estavam na direção da oficina, Carvalho e Santos , 2013)

A partir dessa avaliação problematizamos o tema em sala de aula, de modo que através dos resultados dessa primeira investigação mostramos aos alunos os diferentes modos de pensar sobre determinado assunto, instigando- os a serem críticos sobre os conteúdos abordados. Além disso, essa avaliação nos mostrou com mais clareza como abordar a temática, assim como quais recursos e fontes utilizar durante a aula oficina.

Sobre o conhecimento prévio dos alunos sobre os conceitos de Guerra *versus* mulher destacamos:

“Os alunos em suas respostas demonstraram pouco conhecimento sobre o tema, não conseguindo fazer uma ligação entre esses dois conceitos. Sobre a Guerra eles reconheciam que era um conflito bélico e que haviam tido muitas mortes. Já quando falaram sobre a mulher a maioria não conseguia encontrar uma relação da mulher com a Guerra.” (depoimento das alunas do PIBID que estavam na direção da oficina, Carvalho e Santos , 2013)

Nosso objetivo foi mostrar através dessa oficina a importância da mulher na Primeira Guerra Mundial, como sua participação foi essencial para que elas conseguissem seus direitos e lutassem por sua igualdade perante à sociedade.

Para melhor entendimento do assunto, primeiramente situamos os alunos no tempo e no espaço através da utilização de um globo terrestre, onde eles se sentiram à vontade para identificar no globo os países envolvidos na Guerra. Em seguida um vídeo foi mostrado para ilustrar o que vinha sendo dito sobre a Primeira Guerra Mundial e até mesmo sobre a mulher, já que os alunos puderam ver através do vídeo que as mulheres

nesse período da Guerra foram responsáveis pela produção do armamento bélico. Foi nesse período que as mulheres ganharam mais espaços no mercado de trabalho, espaços que até então eram ocupados exclusivamente pelos homens.

Como forma de avaliação final, pedimos para que os alunos fizessem um desenho onde eles relacionassem os conceitos de Guerra e Mulher. Eles nos surpreenderam com suas respostas, nos deixando com a sensação de dever cumprido:

Os alunos demonstraram através de seus desenhos que entenderam, ou melhor, aprenderam o conteúdo que estávamos trabalhando. Podemos citar uma aluna, que no seu trabalho resumiu exatamente tudo o que foi dito em sala de aula sobre o assunto. Além de um desenho que por si só já expressava o sentido de se entender a relação Guerra *versus* Mulher, ela ainda escreveu um pequeno texto que dizia que, foi a partir da participação da mulher na Guerra que elas foram introduzidas no mercado de trabalho e conquistaram mais espaço.” (depoimento das alunas do PIBID que estavam na direção da oficina, Carvalho e Santos , 2013)

Finalizamos a oficina com essa atividade de fechamento, onde levantamos questões como: - Porque aprender História? O que foi entendido sobre o assunto abordado?

A partir de o nosso fazer enquanto historiadores devemos instigar os alunos a criar possibilidades de ensino–aprendizagens, fazendo-os terem seus próprios pensamentos, os tornando cidadãos críticos, capazes encontrar sentidos sobre a relação passado X presente.

A Oficina desenvolvida na turma do 9º ano B

Nas turmas que realizamos as oficinas, optamos por análises e questionamentos e abordagens diferentes, acerca do tema Mulher na Primeira Guerra Mundial. Isso ocorreu, pois cada turma de alunos possuía uma particularidade, uns já apresentavam alguns conhecimentos sobre os temas e outros não, sendo necessário adaptarmos nossas abordagens de acordo com as características de cada sala.

A Oficina desenvolvida na turma do 9º ano B iniciou-se pela apresentação de alguns conceitos que envolveram o processo que desencadeou a Primeira Guerra

Mundial, foram discutidas quais seriam as consequências posteriores deste fato e como os alunos percebiam a presença das mulheres na História. Trabalhamos também, os seguintes conceitos: relação de poder e conflito/negociação. Nessa perspectiva, com a primeira aproximação do tema discutido, diagnosticamos quais eram os conhecimentos prévios que os alunos possuíam sobre a importância da mulher no processo de guerra, assim como o seu papel na sociedade atual.

Em um segundo momento, já com o conhecimento prévio levantado, optou por mostrar um vídeo/documentário sobre a primeira guerra mundial⁸. Logo após realizamos uma atividade/diagnóstico na qual objetivávamos aguçar nos alunos a curiosidade pelas imagens expostas e conseqüentemente que ele pudessem identificar os sujeitos aparentes. Inicialmente os alunos perceberam apenas homens e seus armamentos. Numa segunda exibição a maioria da sala reconheceu a participação da mulher.

Essa atividade proporcionou aos alunos a percepção de que as mulheres participaram do processo de fabricação de armamento para a Guerra, que elas aparecem também na História Oficial.

A partir de então iniciamos um terceiro momento da oficina. Propomos um debate na sala de aula, onde as discussões caminharam para as seguintes conclusões: era possível reconhecer que naquele momento que as mulheres deixavam de ser apenas seres frágeis, pois além de dirigirem os seus lares, também cuidavam dos feridos da guerra, participavam dos campos batalha e trabalhavam nas indústrias para fabricarem as armas.

Como forma de sintetizar nossas discussões, lançamos mão do livro didático e trabalhamos o capítulo referente à Primeira Guerra Mundial. Propomos que os alunos fizessem a leitura dos textos do livro e observassem as imagens que acompanhavam os textos escritos. Esse processo foi muito interessante, pois os alunos começaram por perceber, que neste capítulo do livro didático, faltavam as representações femininas.

Como atividade da oficina, solicitamos aos alunos que fizessem desenhos, ilustrando algumas coisas que os mesmos acreditassem terem haver com a Primeira Guerra Mundial. Alguns desenharam, num primeiro momento: armas, homens

⁸ Vídeo utilizado como ferramenta didática na Aula Oficina “PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL” acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=Ul-dcsFqNlk> no dia 03/05/2013. Vídeo esse, que foi desenvolvido por alguns alunos e que se encontra no endereço, acima citado.

morrendo na guerra, bandeiras dos dois blocos envolvidos na guerra, mulheres trabalhando nas indústrias, mulheres cuidando do lar entre outras coisas. Em seguida solicitamos que eles fizessem outros desenhos que representassem a mulher no campo de trabalho nos dias de hoje. Neste caso, surgiram desenhos que representava as mulheres em empresas e no lar.

Percebemos, portanto, que os alunos conseguiram reconhecer que a conquista do mercado de trabalho pelas mulheres foi um processo histórico e que isso não se deu sem conflitos.

A Oficina desenvolvida na turma do 9º ano A

Para a turma do 9º ano A, propusemos a aplicação da oficina de História no mesmo formato da realizada no 9º ano B, ou seja, utilizaríamos o mesmo planejamento para as duas turmas, já que se tratava de uma turma no mesmo ano escolar.

Inversamente ao que tinha ocorrido anteriormente com a turma do 9º ano B, percebemos que os alunos mostraram-se pouco interessados. Na sala de aula pudemos notar que esta turma era inquieta e que aparentemente não queria colaborar com a aula. Eles não aceitavam nem as aulas ministradas de forma tradicional, nem as aulas que se propusessem ser diferentes das que eles já conheciam.

Por tal motivo propusemos uma dinâmica com fundamento pedagógico, a qual nomeamos de gincana histórica. Separaríamos a turma entre meninos e meninas e realizaríamos perguntas com os alunos e alunas. A equipe que vencesse a gincana ganharia da professora Miriam Solange uma pontuação para ajudar na nota da avaliação.

Na execução da gincana fizemos dois tipos de questões que representavam tipos de abordagem diferentes: as tradicionais, do tipo positivista e que solicitavam informações de datas, locais e nomes de pessoas ou de eventos da Primeira Guerra Mundial, e suas respostas poderiam ser encontradas no livro didático. E as questões que propunham respostas a problemas que envolviam o tempo presente na relação com o passado. Percebemos que o segundo tipo de questão instigou mais os alunos, pois as respostas não eram encontradas sem uma reflexão maior, e para respondê-las eles

tinham que discuti-las dentro do grupo. Estas questões eram abertas e possibilitavam que o aluno expressasse sua opinião.

As questões problemas caracterizaram-se por trabalhar os conceitos de conflito, negociação, relação de poder e também provocavam discussões sobre o papel da mulher na sociedade atual e no período da Primeira Guerra Mundial. Na elaboração das respostas, os alunos necessitavam construir relações entre os diferentes tempos, além de indicar quais foram os locais de trabalho que a mulher ocupou durante a Primeira Guerra mundial e quais as profissões que as mulheres podiam assumir nos dias de hoje. Na maioria das respostas os alunos chegaram a conclusão que na época da Guerra as mulheres entraram de fato no trabalho, passaram a trabalhar fora de casa mas permaneceram cuidando dos filhos e fazendo os trabalhos domésticos.

Para finalizar a oficina com os alunos do 9º A aproveitamos uma atividade proposta pelo livro didático que consistia na análise de duas fotografias. Em uma das imagens apareciam diferentes personagens que participaram da Primeira Guerra Mundial e em outra imagem faltavam alguns desses personagens. Pedimos para os alunos analisarem as fotos e descobrissem se faltava algo, ou alguém, procurando entender e analisar o que havia de errado.

Fizemos então uma síntese dos conceitos que foram trabalhados na gincana e relacionamos esse conteúdo com a atividade de análise de imagens. Procuramos, então, explicitar para eles que a falta de alguns personagens nas imagens poderia se relacionar a produção da narrativa histórica, que seleciona um determinado conjunto de informações e que exclui outras. Para exemplificar mostramos como a ausência da mulher no livro didático tinha motivos sociais e políticos, que eram justificados pelas tradições. Por isso a História tanto escrita como falada não é desinteressada nem inocente e nem neutra.

Referencias

CARVALHO, Aleise Guimarães e LEITE, Flávia Karlla Valeriana. Da cultura regionalista de Luiz Gonzaga a instigante cultura de massa. Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogo de gerações, Campina Grande, Editora EDUEPB, 2009.

DAYRELL, Juarez. Liderança Educacional e Gestão Escolar: A Escola “faz” as juventudes. GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, Secretária de Educação, 2007.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. AS CULTURAS NEGADAS E SILENCIADAS NO CURRÍCULO. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1995.

LEE, Peter. **Por que apreender História.** Tradução: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. UFPR. Curitiba, 2011.

SANTOS NETO, Martinho Guedes dos. **Formação de Professores e Ensino de História:** significações para o exercício da docência. XXV Simpósio de História. UFC. Fortaleza, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é essa?. ANPUH – XXV – Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.